

Eunice, viúva de Rubens Paiva 10

'A anistia valeu para os 2 lados'

RICARDO MIRANDA

BRASÍLIA — A viúva do ex-deputado Rubens Paiva, Eunice Paiva, será convidada do presidente Fernando Henrique para a comemoração do Dia da Pátria em Brasília. Ela não quer ser símbolo de nada e, embora compreenda a emoção dos parentes dos mortos durante a ditadura, lembra que a anistia vale para os dois lados.

O GLOBO — A senhora foi a única representante das famílias de desaparecidos políticos a assistir, no gabinete do presidente, ao anúncio do projeto de indenizações. Agora, foi convidada para participar das cerimônias de comemoração do 7 de Setembro, em Brasília, novamente ao lado do presidente. A senhora se tornou um símbolo da reconciliação entre o Estado e as famílias dos que morreram no regime militar?

EUNICE PAIVA — Não sou símbolo de nada. Sou a viúva de Rubens Paiva. Não gosto dessa história de símbolo.

O GLOBO — A senhora vai assistir ao desfile militar ao lado do presidente?

EUNICE — Não tem sentido eu subir no palanque para assistir ao desfile. Fui convidada apenas para uma cerimônia no Palácio da Alvorada (lê o fax que recebeu do cerimonial da Presidência).

O GLOBO — Como a senhora vê o caso do coronel Armando Avólio Filho, afastado do cargo de adido militar do Brasil em Londres sob a acusação de ter participado da tortura de presos políticos durante o regime militar?

EUNICE — Não defendo o coronel Avólio. Prefiro não pensar nele e, se possível, não quero vê-



Eunice, a viúva de Rubens Paiva

lo na minha frente. Segundo depoimento do médico Amílcar Lobo, ele visitou a cela do Rubens depois de uma sessão de tortura. Ele sabia o que se passava ali. Mas não podemos generalizar. Quando dei aquele abraço no general Cardoso (general Alberto Cardoso, chefe da Casa Militar) não tive a intenção de simbolizar nada. Mais tarde, percebi o quanto esse gesto foi importante para mim. O general Cardoso me pareceu uma pessoa boa, honrada. Nas Forças Armadas

há muitos generais Médicis (general Emílio Garrastazu Médici, que presidiu o país entre 1969 a 1974, a época mais dura do regime militar), mas também há muitos generais Cardoso. Não se pode generalizar e considerar qualquer militar um torturador.

O GLOBO — Qual a solução que a senhora defende para o caso Avólio?

EUNICE — Acho que estamos cutucando uma ferida aberta. Devemos deixar que as Forças Armadas resolvam esse problema internamente. É um problema deles, muito mais do que nosso. Não deve estar sendo agradável para as Forças Armadas tomar esse tipo de decisão em público. Deve ser uma carga muito pesada para elas.

O GLOBO — O que a senhora pensa hoje da Lei de Anistia?

EUNICE — O ressentimento das famílias das pessoas que sofreram agressões físicas naquela época é legítimo. Por outro lado, como advogada, não posso deixar de levar em conta que existe a Lei de Anistia, aprovada pelo Congresso, que deve ser respeitada. Não estou julgando o que as pessoas fizeram. Estou só lembrando que existe a anistia, que valeu para os dois lados. Sem a Lei de Anistia provavelmente teríamos demorado muito mais para recuperar os direitos civis. Há 25 anos eu estaria dizendo outra coisa, mas a gente amadurece e vê que não adianta resolver nada na marra.

O GLOBO — O que a senhora sente hoje pelos militares brasileiros?

EUNICE — Quando perdi o Rubens, tive de criar cinco filhos pequenos sozinha. A coisa mais difícil foi eliminar na minha família o clima de rancor, de ódio. Estaria destruindo o futuro dos meus filhos. Eu sempre falava em Justiça, nunca em vingança.